

VOL. II

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



Selo Conexão Literatura

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura**

ISBN: 978-65-01-40357-1

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- OS DUENDES TRAVESSOS, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
O DRAGÃO E OS LADOS DA HISTÓRIA, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 07
A FADA QUE QUERIA VOAR, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 09
O OGRO DA CARA FEIA, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 11
MALDIÇÃO DA PRÓPRIA MÃO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 13
CONTATO RAIMUNDO, POR ARIADNEH M CHAVES, PÁG. 15
O FRIO MENSAGEIRO, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 21
O MEDO DA ALÇA, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 25
O HOMEM DO BIGODE ROXO (EPISÓDIO I DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA),
POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 29
OS ENAMORADOS (EPISÓDIO II DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO
FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 35
A MENINA DE PASSOS DE BORBOLETA (EPISÓDIO III DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A
ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 41
A CASA DO VIAJANTE, POR PAUL ERWIN REED, PÁG. 46
FLUTUAR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 48
ANJOS EU VI, POR SELMA LUANNY, PÁG. 50
INVISÍVEIS FORÇAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 52
DA LUA PARA MARTE?, POR SELMA LUANNY, PÁG. 54
A VIDA DO BARDO, POR TALES VENERUCI, PÁG. 56
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 60

VOL. II

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

Selo Conexão Literatura

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Os Duendes Travessos

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

Na floresta, duendes travessos,
Aprontavam grande alvoroço.
Pela mata com gritos e risos,
Sempre causavam estardalhaço.

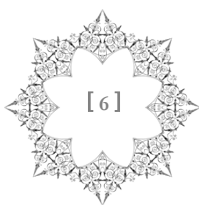
Todos os dias pregavam peça após peça,
Brincadeiras sem graça e sem noção,
Chateavam a todos sem pressa,
Sem medir os danos, nem a confusão.

Apareceu dizendo a fada Aurora:
— *Quem não escutar o aviso vai sofrer.*
Chega de traquinices, parem agora!
Senão, no final, vão todos se arrepender.

Mas os duendes, teimosos e destemidos,
Desobedeceram, seguindo com as travessuras,
Ao aviso da fada, não deram ouvidos
E logo se viram em grandes desventuras.

Os duendes, castigados por sua diabrura,
Foram afastados da floresta encantada,
Mandados para longe da ternura,
Onde a magia era só lembrada.

Foram punidos e aprenderam a lição,
Com muito esforço tiveram que reparar,
Entenderam que bagunçar sem razão
Traz consequências que não se pode evitar.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Dragão e Os Lados da História

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

No alto das montanhas frias,
Dormia um dragão solitário,
Guardião de chamas bravias
Em seu covil lendário.

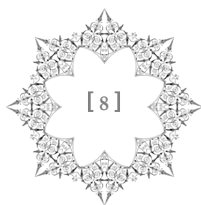
Diziam que a fera era má
E devorava até os corajosos,
Mas nunca alguém ousou ir lá
Com passos firmes e honrosos.

Um jovem de alma destemida
Partiu sem medo a desvendar
Se era real a lenda apregoada
Ou só um conto a se contar.

Ao ver o dragão tão mudo,
Sentiu no peito a confusão,
Pois viu no olhar profundo
Não fúria e sim solidão.

Falou-lhe então com gentileza
E o monstro em pranto revelou
Que o vazio era a real tristeza
E o ódio, o mundo inventou.

Toda história tem dois lados
E a verdade pode se esconder.
Os julgamentos apressados
Fazem a justiça se perder.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A Fada que Queria Voar

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

Nasceu entre arbustos e hortas
Uma fada de brilho encantado,
Mas suas asas eram tortas
E o voo lhe era negado.

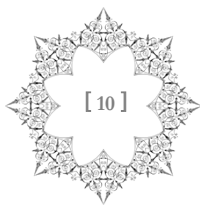
Olhava o céu, a ela proibido,
Seu sonho era nele voar,
Mas o alçar voo era sempre falido,
Caía desajeitada sem planar.

As fadas riam, zombando:
— *Desista, não vai conseguir!*
Se suas asas estão falhando,
Jamais poderá subir.

Mas mesmo com alma sofrida
Creu que o vento a pudesse guiar,
E mesmo caída e ferida,
Não quis seu sonho apagar.

Então, num dia sem medo,
Saltou confiando no vento,
E enfim voou como torpedo,
Brilhando em puro talento.

Não é a força das asas
Que faz alguém flutuar,
Mas sim a vontade audaz
De nunca deixar de tentar.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Ogro da Cara Feia

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

Na floresta, um ogro habitava,
Grande e de pele esverdeada,
Sua cara era feia e muito brava.
Todos o temiam a cada alvorada.

A aldeia próxima, cheia de temor,
Diziam que ele comia quem passava,
E todos sentiam grande pavor.
Do ogro, cada um a morte esperava.

Certo dia, as crianças brincavam
Longe de casa, perderam-se na floresta.
— *Socorro!* — gritavam, sem saber onde estavam.
E ecos de vozes correram como uma seta.

O ogro, ao ouvir, apressou-se a chegar,
Defendeu as crianças de lobos ferozes,
Com força e bravura sem hesitar,
Protegeu suas vidas afastando os algozes.

Quando a aldeia soube do feito sem igual,
Organizaram uma festa para o ogro celebrar,
Agradeceram sua coragem fenomenal,
E a todos o ogro passou a encantar.

O que se vê por fora pode enganar,
A bondade se esconde no coração,
Nem sempre o exterior vai nos revelar,
A verdadeira força da compaixão.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Maldição da Própria Mão

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura, à escrita e à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

No meio da mata, entre névoa e espinho,
Uma bruxa fazia estranha mistura:
Rabo de lagartixa e osso em pó fininho,
Criando feitiços de força obscura.

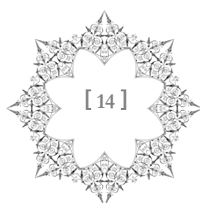
Transformava bicho em ser falante,
Um rato virou um velho pescador,
Uma coruja tornou-se errante,
Andando na vila como um professor.

Mas sua maldade não tinha limite,
Gente em bicho também transformava.
Fez de um ferreiro um cão sem elite,
E de um camponês, um galo que cantava.

Ria da desgraça sem ter piedade,
Seus feitiços eram puro prazer.
Adorava espalhar a maldade,
Só para ver o que ia acontecer.

Porém, ao dançar em grande vaidade,
Trocou as palavras num só tropeção.
Caiu no caldeirão fervente, de verdade,
E rasteja até hoje pela vegetação.

Quem espalha o mal sem nada temer,
Não vê que o destino a todos vigia.
No fim, suas sombras vêm lhe prender
E a própria maldade o silencia.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Contato Raimundo

Por Ariadne M Chaves

Ariadne M Chaves é Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Suas Literaturas e Bacharela em Direito. Ama participar de cursos e oficinas literárias! Encontrou nas Antologias uma forma de divulgar seus escritos e já publicou contos, crônicas e poemas em sete antologias. É uma aquariana apaixonada por livros e que além de Leitora, tornou-se Professora de Literatura e Autora! Uma autora de Fantasia... Viajando por Ficção e Poesia!

(Instagram: @ariadnehmchaves)

Alguns amigos brincavam às margens da praia, quando ouviram um forte trovão e, assustados, correram para se esconder em suas casas, entre os coqueiros. Todavia, começaram a espiar, na esperança do tempo abrir e continuarem a se divertir. Estava escuro, mas não era chuva, ainda. Fumaça e fogo saíam das águas. Então, dois deles se aproximaram e viram um objeto prateado boiando. E em meio à neblina quente que os rodeava, ouviram uma voz, quase um gemido.

— Eles existem. — Murmurou aquele que parecia liderar a aproximação ao local.

E indo em direção ao objeto, subitamente pararam. Quem entraria numa área onde caiu algo estranho? Lendo os pensamentos um do outro e olhando-se e ao ser, que viram, ponderaram e retornaram à margem. Pouco tempo depois, voltaram carregando um item comprido e cutucaram de leve a criatura, mas ela não se mexia. Novamente, foram na direção contrária e regressaram com uma rede. E lançando-a ao ser, com muito esforço o arrastaram para a areia.

— Água. — Gemia, mais uma vez, a criatura.

Após refletirem e identificarem aquela linguagem, entenderam o que a voz requisitava, mas só tinham ali seus chapéus. Então, depois de outro vai e volta, ofereceram ao ser um chapéu de água. A criatura parecera se esbaldar com aquele líquido, mas fechou os olhos novamente. Mais tarde, decidiram arrastá-la e escondê-la num local encoberto, à beira da praia. E nos dias seguintes, cuidaram dela, alimentando-a com frutas. Até que tempos depois, protegida de olhares curiosos, ela acordou completamente e se viu, com olhos arregalados, deitada em um local repleto de pedras.

— Quem são vocês? — Ele entenderam o ser questionar com uma voz apavorada.

— Quem é você? — Retrucaram.

— Raimundo.

— Pedrinhas coloridas! — Disseram ao vê-lo colocar as que podia, despistadamente, no bolso. — Deixa aí, depois você as pega.

Angustiado por deixar aquelas pedras de lado, o ser os seguiu, sendo levado ao centro das habitações locais, repletas de pedras diversas, e lá foi tratado como uma celebridade.

— Diga nos, Raimundo... Como é seu mundo?

— Vou chamar vocês de Pedrinhos... Vocês parecem meio adolescentes e idosos ao mesmo tempo...

Eles se olharam... procurando palavras em suas mentes para se explicarem ao ser.

— Nós somos... assim, Raimundo.

— Nasceram assim?

— Não... Não nos lembramos de quando nascemos, Raimundo.

— Pedrinho Número Um! — Raimundo se dirigiu àquele que o resgatou e quem mais conversava com ele — Preciso consertar meu avião. — E gesticulou para o objeto que viam ao longe, dos grandes coqueiros onde estavam.

Após um breve momento, tentando compreender, começaram a cochichar e perguntaram-lhe:

— Sua nave? Por quê? Raimundo quer ir embora? — Apesar de tristes, ajudaram-no a consertá-la.

Tempos depois, ao se despedir, Raimundo desejou mais pedras como recordação dos Pedrinhos... E, numa tarde chuvosa, lançou seu monomotor em direção ao horizonte, da mesma forma que fizera na manhã em que a tempestade o levava àquela praia. Assim, retornou ao pequeno hangar do seu sítio, mas, enquanto retirava do avião as pedras preciosas, imaginando como ficaria rico, ouviu:

— Raimundos não têm pedrinhas coloridas? — Questionou uma voz saindo do monte de pedras. — Vim cuidar de você, Raimundo! — Dizia encarando, com olhos estrábicos e brincalhões, o rapaz assustado.

— Você não deveria ter vindo! Você deve ir embora! — E vendo que o ser ficara tristonho, completou:

— Esse mundo não é bom para você.

— O portal só se abre naquela chuva diferente... — O ser desdenhou, como se não se importasse.

— Assim que houver aquela chuva, então, você vai embora.

— Um monte de Raimundos! — O ser distraído disse apontando para pessoas da comunidade rural que via, ao longe, fora do hangar.

Mas foi calado rapidamente por Raimundo, que o escondeu no carro guardado no local e em seguida se dirigiu para a cidadezinha próxima, onde residia. O tempo passou e nada daquela chuva! E Pedrinho começou a dar trabalho para Raimundo, principalmente na hora da alimentação. Ele ficara encantado e até mesmo viciado em comer azeitonas. O ser, do tamanho de um adolescente e com semblante de um idoso brincalhão, havia se apaixonado pelo petisco. Não aceitava comer mais nada que não fosse o que chamava de frutinha azeda. E, proibido de aparecer nas janelas e de abrir portas, Pedrinho vivia escondido em troca das azeitonas.

Apesar de algumas discussões acerca das travessuras do ser, a convivência de Raimundo com Pedrinho era amigável e até brincalhona. Até que um dia, ao chegar do trabalho, Raimundo viu as luzes apagadas... Silêncio. Pedrinho não estava assistindo a filmes, nem aguardando ansioso sua chegada. Na busca, ao chegar à cozinha, viu Pedrinho esticado no chão. Todas as portas dos armários abertas! Havia comido a reserva inteira de azeitona! Desesperado, Raimundo tentou reanimá-lo com o comprido chapéu do ser, abanando a cabeça pontuda.

Após o susto, gritou a vizinha, pedindo um remédio para estômago. E aconteceu! A senhora viu, pela porta entreaberta, Pedrinho esparramado na poltrona, situação que foi rapidamente contornada por Raimundo, ao lhe dar algumas pedras. Mas, como segredos dificilmente permanecem em segredo... Rumores se espalharam naqueles dias. E logo, muitas pessoas lotaram a fachada da residência de Raimundo, tentando captar qualquer imagem do ser. E para sua aflição, luzes de *flashs* iluminavam todas as janelas, como os relâmpagos daquela esperada chuva que nunca vinha. E pior, num auge de fome, ansiedade ou não se sabe o quê, Pedrinho pedia azeitonas!

— Tudo isso por causa de azeitonas! Todos acham que é um alienígena e eu nem sei quem você é!

— Você disse que sou Pedrinho Número Um. — Tentou abraçá-lo, mas foi recusado.

— Você nem é humano!!! Seu Pedrinho Número...

— Um! Sou o Pedrinho Número Um!

Sem fazer muito caso, Raimundo lançou-lhe uma tigela de azeitonas e raivoso se dirigiu ao quarto.

— Quer comer? Coma! Mas só vou te dar mais amanhã! — E berrou — Você destruiu a minha vida!!!

— Não fala isso, Raimundo! — Pedrinho implorou, em lágrimas, atrás da porta que se fechava.

No dia seguinte, Raimundo lembrou-se de dar azeitonas para Pedrinho, antes de resolver o que fazer. E correu para a cozinha a fim de impedi-lo de fazer travessuras pela guloseima. Passando pela sala, pode ver a vasilha de azeitonas que lhe dera intacta, mas não Pedrinho. Nervoso, procurou pela casa inteira. Até que observou a porta do lugar onde guardava as pedras preciosas aberta. E correu para lá, mas viu apenas as pedrinhas na caixa, algumas arrumadas em uma ordem estranha e outras em formato de coração. Procurou em sua mente quando lhe falara disso... E lembrou-se de que desenhou corações na areia quando se despediu dos Pedrinhos e...

— Ele se despediu de mim! — Concluiu.

Nem chovera e ele se fora! Apavorado, Raimundo saiu pela cidadezinha correndo loucamente, mas não o achou. E muitas chuvas, como a esperada, passaram-se durante anos! Nesse tempo, Pedrinho virara tema de documentários diversos, lendas e *souvenirs* em lojas turísticas... e até ficara verde e ganhara antenas na memória daqueles que nunca o viram.

Assim, Raimundo envelhecera. Mas o jovem que existia em seu coração sempre procurava o amigo Pedrinho. Ele nunca tivera coragem de vender as pedras da Praia dos Pedrinhos. E, morando no sítio, agora, havia inclusive começado a plantar Oliveiras! Tinha vários vasilhos delas, próximos a sua mochila, pois a qualquer momento poderia acontecer uma tempestade e levando-a consigo, guiaria seu avião, esperançoso, em direção ao horizonte, como já fizera algumas vezes, sem sucesso.

Também, manteve, com cuidado, as pedras que Pedrinho organizara, sem nem ao menos tocá-las. E um dia, admirando-as, em sua saudade, passou os dedos de leve em cada formação próxima às de coração. Mas, ao desenhá-las, um portal se abriu na sua frente, como naquela manhã chuvosa, há anos, e sem saber do que se tratava, Raimundo jogou as pedras na mochila e entrou no portal que se fechava rapidamente.

Pouco tempo depois... Numa praia, levantando-se, com certa dificuldade, ouviu uma

voz gritar seu nome. E caminhou olhando naquela direção. Era ele?

— Raimundo veio!

— Pedrinho Número Um? — Perguntou com voz engasgada, ansiando pela resposta.

— Sim!!! Você se lembrou! — E encarando-o, completou — Raimundo está... diferente.

— Estou velho, Pedrinho, mas consegui voltar.

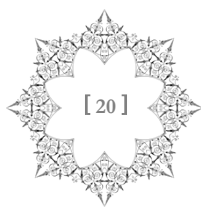
— Número Dois! Chama o Número Três! Vamos levar Raimundo para o Coqueiro da Saúde!

— Vim ver você. Pedir perdão. Também trouxe as pedrinhas do seu povo de volta. E plantinhas!

— Azeitonas! — Pedrinho exclamava enquanto as cheirava.

— Sim! Mas têm que crescer para frutificarem. Eu...Vim para... ficar, se me aceitarem.

E os Pedrinhos comemoraram, prevendo o ser Raimundo como um deles, repleto de saúde e ostentando um chapeuzinho em uma cabeça comprida como a deles.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Frio Mensageiro Por Cisterna de Luzes

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Homem de lata foi o robô das inferiores dizimantes.

Lata do banho de prata foi o enviado do reino da tribo sem coração.

Embora a utilidade da visão do artificialismo, enxergou caminhada oposta ao imbecil da reza inversa. E continuou procurando invertidas pegadas nas areias mal traçadas. Mas o seu faro da magia dos magos sem coração, emprestadas bússolas e orientação, guiaram-no em metálica decifração.

E o falso homem da pinturagem da falsa prataria chegou à casa da antiga despedida: agora, de frente à ausência das costas do caminhante do tudo em direção ao nada.

O ancião que primeiro o receberá já, há muito, este encontro concebera: só que, em ilusões de sonhos ou em remansos de pesadelos, em viagens de esclerose, a mente perdera. Apenas o sorriso das brancas barbas acenaram sopro de recepção ao do ferro velho, vil esquadrão. Vil esquadrão? não era um só homem de lata da má prata? sim, mas o seu frio cérebro de ausência da esclerose nos condutos da traição, possuía a programação da destruição. E então, não é essa programação da desgraça um só esquadrão de fumaça? esquadrão de fumaça, ora, direis, mas que combatente sem couraça! Sim, isso direis, mas esquecei-vos, carapaças de ilusões, que a dissimulação da má ação é pior que veneno enterrado. Veneno enterrado? sim, esse pode ser de sorvo escorraçado por sorte da liquidez mas, e a dissimulação da programação? a este não escapa a solidificação da destruição, nem o da “sorte” da fuga do acaso, nem o de pés ligeiros, nem o dos confrontos evitantes: não estão sempre presentes? sim, não estão ausentes, mas sempre presentes à programação da destruição.

Ao após o ancião da demência, afastado que fora pelo da ilusão, chegou a filha da inquietação: onde está o meu “bom” João?

O teu “bom” João, respondeu o da dissimulação, em voz de metálica fria e feia disposição, o teu bom companheiro escravizou-se das riquezas das falsas ilusões: ao adentrar nos inferiores porões, o vácuo do nada entronizou-o no trono da dissipação. Então, como rei do seu reinado de ilusões no nada do seu território, consome-se em lembranças da “antiga pobreza”, hoje, sua maior fortaleza.

Apenas isso respondera à boa Maria, companheira, agora, da aflição da deserção do “seu” João.

Ao após a fêmea, pequena menina, a do coração agrandado pela dor da lembrança e apequenado pelo calor do carinho da recordação do seu pai João olhou ao sem coração e disse:

— Roubaste-me o meu pai e o meu coração?

— Enlataste-o como isca atraída à lata da má conserva?

— O vácuo do nada sugou-o do meu coração do tudo?

— A ausência do seu amor foi sentida com a tua presença da tua feia e fria companhia.

— Não és substituto de prata enlatada a meu ouro do meu tesouro.

A esses considerandos, o enviado do sem coração e também sem agente de emoção, entregou-lhe (à pequenina) mensagem escrita com tintas de sangue em placa de lata:

— O teu pai escolheu costas de adeus à tua frente de carinho.

— O teu pai escolheu frente da falsa prata às tuas costas de conforto.

— O teu amigo queimou pés descalços em areais dos perdidos encaixos.

— No fim da minha deserção encontrei o funil do dragão. Por ele fui escorraçado do teu reinado.

Filha, filha minha de minha carne das gerações... sangue, sangue meu, do meu antigo lar de oração... ternura minha, minha pequenina, diz a esse ambulante das amarguras que a ti, por seres celeiro do lar do amor, o Senhorio das Alturas permitiu a mensageiro do artifício que te entregasse esse bilhete de lata enferrujada:

— Foge da má cilada e estaciona carinho no meu antigo ninho.

— Acompanha a ternura da flor no meu antigo vaso quebrado.

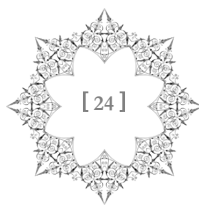
— Perfuma o teu avô dos dias cansados com a tua vivacidade da santidade.

Carne minha, gerador dos meus dias do “por enquanto”, que poderei fazer para quebrar esse meu encanto? assim, a pequenina, em luzes de dor, contorcia-se em choros de lamúrias.

A sua dor foi tanta e o seu calor do amor tão contagiante que, ao olhar ao do sem coração e, ao da lata, feio vilão, viu-o brilhar no lugar do coração: e daquele eco oco, saltou o pai e o avô e a sua mãe. Toda a família lhe chegava, sem mentes doentes e só com espirros contidos. Espirros contidos? sim, daquele antro do nada não espirrara a família do tudo?

Como isso entenderes, descrentes desses encantos? ora, se tiverdes ainda ouro de raciocínio em vossa lata de ferrugem, sabereis que o pesadelo o era da menina e, ao dilacerado no mundo da maldade do vácuo do sorvedouro do matadouro, sonâmbulo do quarto ao lado, apenas sonhara parte daquele pesadelo e fração do seu sonho de ilusão.

Eu, O Labirinto.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Medo da Alça Por Cisterna de Luzes

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

E o viajante aprontou-se para as proezas dos caminhos das trajetórias das vis glórias.

E a nau que escolhera era de luzidia compactação e de suave deslizar.

E as provisões de coragem e da determinação eram as de boa oração.

A persistência, essa caroneira da vontade da decisão do início ao fim da excursão, era a passageira chefe do interior da carruagem que sentava à poltrona das observações. Poltrona das observações? Sim, não era o passageiro do sujeito, o viajante insuspeito, a virtude da obstinação? Então, essa obstinação era viajeira passageira da hospedagem do fogo do foco do carregado pelo trajeto do circunspecto. Trajeto do circunspecto? Sim, esse o nome do sisudo que impelira ventos de adeus à comodidade da estacionalidade. Essa estacionalidade era o estacionar no imobilismo e a estação da estagnação.

Quando o cocheiro condutor impeliu vento forte à mão das direções, o estalido do azorrague à besta do caminhar foi impulso estelar. E foi esse asteróide dos voares, o tiro do certo da estagnação às correrias de exploração. Correrias de exploração? Sim, não é essa a caminhada da perversão do escrutínio da má conduta à disciplina do bom perverso? Essa exploração é a do encontro do caminhante com o seu norte procurante.

Sem comentários à metade da viagem, viu-se a persistência, autora daquela clemência, atirada à quietude do seu passageiro, condutor. E o seu quietume era do tipo daquele das conversas das amigadas que balbuciam silêncios para não perturbarem o caminho do passeador dos trajetos pré encaminhados.

E o passageiro, alma daquela corpórea basculante, dos caminhos inquietada, era, agora, aquietada na maciez do conforto do equilíbrio trajetorial. A sua persistência, virtude do âmago, oposto à sua indolência, pensava:

— Este corpo divagador, agora, é suave barco navegador.

— Este inquieto das peripécias, é, agora, flunar do suave avançar.

— Até parece que o destino do fim do caminho foi encontro da pacificação das trajetórias suas. Não era esse o suor do seu ímpeto mor? Então, hoje, por benevolência dos pós das estradas, teve triunfo no seu estradear: que maior recompensa há de querer tirar?

Assim, tanto a virtude como o dono daquele zêlo, foram triunfados com a pacificação dos sobressaltos. Pacificação dos sobressaltos, ora direis: isso não é

incômodo da suavidade do intento do caminhar? Sim, neste sentido o é, mas no outro, o do salto ao sobre a inclemência da agitação da viagem, é pulo à bandeira tranqüila da esperada bandeirada. Esperada bandeirada? Ora, não era este o seu desejo: o de triunfar no fim do seu percurso?

Mas, eis que o passageiro teve sobressalto do medo à coragem do início.

Eis que a persistência, inimiga da indolência, teve antagonismos de considerações: essas não são as minhas orações: quando impedi decisão ao cocheiro e ao meu vilão, pensei que as sacudidelas dos caminhos fossem obstáculos aos meus avanços: Não é esta minha missão? Mas, este silêncio da pacificação dos desarranjos das ondulações, é desconfiança que se agiganta. Desconfiança que se agiganta? Sim, por que do silêncio e de quietude? Isto mais parece cortejo de ataúde!

Mas, o menos perspicaz, o passageiro carregador da virtude da condução da obstinação, era triunfador do bom andar. Dizia assim:

— Fui aventureiro e hoje sou manufactureiro: não confeccionei a chegada, e as palmas do costureiro? Palmas do costureiro? Sim. Não é este que borda as letras brancas no pano azul da bandeirada da chegada?

— Fui apressado e hoje sou acomodado. Acomodado? Sim, não aquele do cômodo da indolência mas, hoje, seu triunfador da persistência.

E como ele, o passageiro, sentiu quietudes e cuidados de estrada alevantada. Estrada alevantada? Sim, não lhe parecia a ele, o viandante, ser carregado no ar, em colchão de elevação, como vianda de alimentação? Não havia cuidadosa condução da carruagem a luzidia compactação? Daquela carregadora que elegera como nave motora?

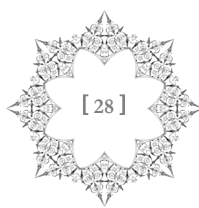
Sentia-se rei na recepção e santo na oração. Santo na oração? Sim, pelo silêncio angelical e pelos sussurros não declarados nas conversas dos amigos, mas oração de calma dominical.

Quão feliz é o fim do começo do caminho e quão mais felicidade grandiosa é recepcionada à minha chegada gloriosa: não fui feliz na persistência e persistente na seleção? Na seleção dos robustos eqüinos puxadores da minha carroça briosa?

Como é belo o perfume da chegada preparada. Como são aquietações de agitações essas minhas felizes transposições: agora, não me lembro nem dos solavancos, nem das poeiras dos percursos, nem das lamentações das indecisões: não possuo a persistência como passageira da minha desertada indolência?

Mas, apesar disso tudo, molduras de visões de pacificações de embalos, o medo da alça da carruagem surgiu-lhe como adeus à sua corporificação. Medo da alça ou alçar do medo? Sim, se puderdes olhar aos amigos e aos perfumes e às flores e aos odores, vereis na amornada sala de chegada, à do fim da bandeirada, o envernizado condutor do corpo do antigo destemor. E o seu medo pressentido e mal sentido, era o medo da alça do caixão: essa, a sua nave da ultima condução.

Eu, o enterro da carne



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Homem do Bigode Roxo **(Episódio I de Viajante das Estrelas - A Arca)**

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Naquela manhã a superfície daquele lago estava bem serena, parecendo um grande espelho. Diversas andorinhas se divertiam no ar, dando um ‘show’ de acrobacias. Pareciam estar dançando um balé no espaço, ao som de uma sinfonia que nossos ouvidos não podiam captar. Indo e vindo, mergulhavam no ar em direção ao espelho d’água tocando-o rapidamente, produzindo inúmeros círculos concêntricos na água; de longe, lembravam os anéis que circundam o planeta Saturno. Sentado em um banco da praça, próxima ao lago, um senhor comia lentamente sua modesta refeição. À sua volta, dezenas de pombos se regalavam dos grãos de arroz que ele compartilhava com as aves. Este senhor, durante o dia, com um alicate de bico, arame flexível e algumas outras pecinhas, produzia vários enfeites, como um violão, uma bicicleta, dentre outros. Os transeuntes que passavam por ali sempre adquiriam alguns desses artefatos. Sobrevivia desses pequenos trabalhos. De quando em quando, juntava seus poucos pertences e viajava para outros lugares. Possuía um bigode encaracolado, avermelhado, fruto de muitas vezes, na madrugada, degustar um vinho tinto licoroso que às vezes ganhava. Era conhecido por ali como o ‘Homem do bigode roxo’. Já era um tanto tarde quando o ‘Viajante’ se assentou no banco da praça junto a ele. Embora semelhante aos humanos, suas feições o diferenciavam um pouco deles, mas não muito. O artesão já o conhecia de outras vezes, mas agora sua mente estava repleta de dúvidas e as perguntas vieram aos borbotões:

— Onde estamos nós? De onde viemos? Este Universo onde vivemos teve início, terá fim?

Vloks ficou-se meditativo. Com uma das mãos recolheu um dos pombos que se encontrava por ali. A ave pareceu não se importar. O viajante alimentou-a com alguns grãos de arroz que estavam no banco. Numa árvore, um bem-te-vi graúdo havia capturado uma cigarra. Irrequieta, a ave batia o corpo do inseto de um lado para o outro no galho onde estava, de forma a aniquilar e arrancar com os golpes pedaços menores da cigarra. O visitante, sem se aperceber, murmurou algumas palavras:

— *Por que aqui, também, esse ciclo? Por que a morte alimenta a vida? Por que ainda não superamos isso, por completo, como em outros mundos?*

— O que disse? — Perguntou o senhor da praça.

— Nada! Estava apenas distraído, pensando comigo — retrucou Vloks.

— Vloks, me diga o que estás a buscar em nosso planeta Terra?

— Diversos de nós estão espalhados pelo seu planeta, coletando dados, dentre outras coisas. Eu, aqui no Brasil; alguns, estão em outros planetas, deste e de outros sistemas estelares.

— Mas o que estão procurando?

— A essência das coisas que não pode ser perdida! As chamas que nunca se apagam! Procuramos os *bons sentimentos*, aqueles que fluem do interior do ser, espontaneamente.

— Mas já encontrou alguns deles em nosso país?

— Hoje mesmo, vendo você alimentando os pombos nesta praça, *dando do pouco que tinha para sustentá-los*, despertou em mim um sentimento que está se apagando em muitos mundos, inclusive no de vocês: *A caridade, a compaixão pelos outros seres, a bondade.*

Um menino, bastante alegre, passou entoando alguns versos improvisados:

“Pirilampos no céu: Pisc! Pisc! Sapos na lagoa: Coach! Coach!

Mamãe me chamou: Vem cá, menino folgado, só quer brincar, né seu danado?

Não vê que estou sozinha? Me ajuda na lida, a tratar das galinhas. E só não lhe puxo as orelhas, pois seu pai ao chegar, há de fazê-lo por mim! Menino folgado, travesso!”

— Acho que você encontrou mais um desses sentimentos que estava procurando, não Vloks? Ou seja, o da *espontaneidade*, neste menino alegre, despreocupado.

— Tens razão. Aos poucos nós vamos coletando as peças do quebra-cabeça que faltam para completar a essência da vida de muitos mundos que, cada vez mais, está a se esvaír.

— Sim, meu amigo. Parece que também o nosso mundo está perdendo a luz, cada vez mais se inserindo nas trevas, afundando-se num mar de corrupção e maldades de todos os tipos.

— É isso mesmo! Se este processo não for interrompido este belo planeta pode soçobrar.

— Vloks, seus amigos que estão a se divertir pela praça, como é que eles se chamam?

— O cão cujo nariz e orelhas brilham, chama-se *Pirilampo*. O macaquinho, que você achou diferente, é o *Mikos*; e a ave, um misto de calopsita e xexéu, chama-se *Xexéu*.

— São parecidos aos nossos animais. Seu mundo deve ter muitas semelhanças com o nosso!

— Tens razão... Muitas, meu amigo. Quem sabe um dia não irás conhecê-lo?

— Eu gostaria muito. Pode ter certeza!

— Bom, completei minha tarefa junto a você. Preciso levar estas virtudes encontradas aos reservatórios energéticos que estão sendo organizados pelos *anciãos da arca*.

— Quem são estes anciãos? E que arca é essa? — Perguntou o artesão.

— São sábios binuxianos e estão armazenando essas boas energias dentro de nossa nave mãe, que chamamos de “*Arca*” — explicou o Viajante.

— Mas onde está esta nave? Como os cientistas, os astrônomos não a veem?

— Ondas de energias a envolvem e seus instrumentos ainda não conseguem detectá-la. É uma coisa bem difícil de explicar. Bem, mas antes, como este é meu último encontro com você, gostaria, como faço sempre, poder transmitir-lhe algum dom. Escolha qual.

— Como assim, Viajante, que espécie de dom?

— Por exemplo, gostarias de voar como os pombos que alimentas?

— Claro que sim. Quem não gostaria? Mas isso é impossível!

— Não é tão difícil assim. Feche os olhos! Relaxe, descontraia-se. Estás pronto?

— Acho que sim — disse o artesão, após passados alguns segundos.

— Solte seu corpo, solte as amarras que o prendem à terra. Sinta-se leve como um espírito. *Imagine-se a voar. Não pense que não pode. Não duvide em seu coração! Você pode!*

Depois de alguns instantes, o senhor disse:

— Realmente, parece que estou a levitar. Me sinto muito leve. Parece que posso até voar.

— Claro que pode... Já estás voando! Abra os olhos!

— Meu Deus, não é que estou levitando no ar? E agora? Tenho medo de cair e morrer!

— Não tenhas medo. Relaxe! Continue a voar. Você agora pode fazer isso. *Você tem o dom de voar quando e para onde quiser ir... O dom dos pássaros.* Nada o pode deter.

— Nossa, não é que posso mesmo? Mas como, se não tenho asas?

— *Não são necessárias.* Sua mente sugestionada por mim acreditou e, agora, você está aí, a voar livremente no ar, como os pombos pelos quais você tem tantos cuidados. *Você agora é livre. A sua alma pura já era muito leve.* Eu apenas dei um empurrãozinho.

— E, agora Vloks, como é que eu desço? — perguntou o homem, após algum tempo de voo.

— Imagine-se descendo suavemente e o fará. Não receie. Não duvide. Verás que é fácil.

Sendo assim, o homem pousou suavemente na calçada da praça.

— Viu como foi fácil? Mas chegou a hora, tenho que ir — disse Vloks.

— Até logo, amigo de mundos distantes. Com certeza eu ficaria muito feliz em conhecer esta nave mãe que você me falou. Mas, só mais uma coisinha: vou poder voar de novo?

— Claro, quando você quiser. Agora você fez *desabrochar* este dom contido em seu ser. *Você já o tinha, só não o sabia*. Era uma capacidade que estava latente. É semelhante aprender a andar de bicicleta, a nadar. Você aprendeu, perdeu o medo, não esquece mais!

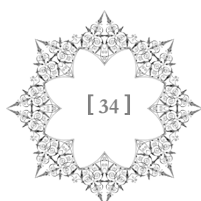
— Como será que ele faz isso? — murmurou para consigo o “Homem do Bigode Roxo” ao ver que, num passe de mágica, o visitante havia desaparecido. Mas, ainda empolgado, alçou-se de novo no ar. Pombos diversos o acompanharam, ele na frente e as aves em formação, de um lado e de outro, como se desenhasssem uma *ponta de uma seta no ar*. Subiam para o alto, manobravam no ar, executando uma coreografia nova a cada movimento que parecia de há muito ensaiada. De repente, uma revoada de outros pássaros juntou-se a eles. O astro-rei, emocionado com a cena que presenciava, presenteou aquele festival alado nos céus com um pôr do sol incrível, de matizes douradas com rastros de mechas púrpuras. *O artesão andarilho, que dormia em pensões e albergues das cidades que percorria e, também, muitas vezes, naquela praça*, exclamou maravilhado:

— *Deus é muito generoso para comigo. Às vezes, até me estraga com seus mimos!*

Indiferente a tudo isso, *uma moradora de rua* que agora se encontrava na praça, treinava com duas bandeirolas alguns movimentos de malabarismo que necessitava aprender e dominar bem para se apresentar nos semáforos da cidade.

— *Vamos, pirilampo, você está nos atrasando!* Deixe de correr atrás dos vagalumes. Você não é um deles! *Xexéu* desça desse voo junto com as maritacas e pardais... *Mikos* está nos esperando! — disse o Viajante, tendo retornado para buscar os dois amigos travessos.

(CONTINUA)



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Os Enamorados

(Episódio II de Viajante das Estrelas - A Arca)

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Já algumas vezes estivera ali junto àquele casal de namorados. Tornaram-se bons amigos. Todavia, desta vez eles pareciam mais inquietos, questionando bastante o Viajante. Após terem-se cumprimentado, começaram as perguntas:

— Vloks, por que as pessoas brigam tanto entre si? Por que há tanto conflito, tanto ressentimento espalhado entre os humanos? Em seu planeta natal também há essa enorme divisão entre vocês? — perguntou o rapaz.

— Tal qual os conflitos entre os seres, tudo no Universo fervilha em energia. No bojo das estrelas, explosões de energia destroem e criam vida em todo o seu entorno. Assim como no exterior, os seres digladiam-se entre si, também, no seu interior, os sentimentos se chocam como bolas de um bilhar. *Essas energias em conflito, ao final, tendem a um equilíbrio, de uma forma ou de outra* — respondeu o Viajante.

— Mas não parece ser assim, pois esses conflitos sempre estão voltando como se nunca tivessem saído de nosso cotidiano — ponderou a namorada do rapaz.

— Sim, mas assim como as estrelas, nas suas galáxias, tendem a se harmonizar, também temos de aprender a fazê-lo — disse Vloks.

— E se não o fizermos? — questionou o moço.

— Desestabilizam-se as forças... Cria-se o caos, mas que, também tende a se estabilizar de novo, de alguma outra forma. Em Binux passamos por isso, por um longo tempo. Da mesma forma que está ocorrendo em seu planeta, o egoísmo dos binuxianos estava a suplantar o amor e a harmonia, quase nos levando ao caos. Felizmente, pessoas iluminadas conseguiram mudar essa trajetória de destruição. Agora há muita paz por lá!

— Mas você já havia nos contado que possuem um órgão central, *mas não totalitário*, que coordena e orienta, como um todo, procurando harmonizar as diferentes 'nações' — se assim podemos dizer — de seu planeta. Mesmo assim, isso não foi suficiente para garantir adequadamente as diferentes demandas dos habitantes? — perguntou a garota.

— Mas nem sempre foi assim. Como falei há pouco, tal como aqui, a ganância, a intolerância, miscigenados a uma grande dose de corrupção, fizeram com que as coisas desandassem. Agora isso mudou e a desordem reinante ficou sendo coisa do passado.

Por isso estou aqui, em seu país, assim como outros estão em missões em outros países e, também, em outros planetas, coletando informações de forma a descobrir onde vocês e eles estão errando... E quando ocorreram esses erros. E, também, encontrar os acertos: o que estão fazendo para o bem de seus planetas e de seus habitantes e, então, tentar preservar e espalhar esses bons sentimentos. Agora, esses sentimentos menores, inferiores, que estão vindo em seu planeta, não é privilégio só de vocês, os terráqueos. Estão espalhados por muitos mundos.

— Nas civilizações mais adiantadas esses problemas foram superados? — perguntou o rapaz.

— Sim. Nosso mundo, como eu disse, mudou muito. Temos muito a ensinar sobre isso. *Outras civilizações avançaram ainda mais do que nós.* Alguns dos nossos, neste momento, estão em muitos desses lugares para aprendermos mais sobre isso. A coisa em muitos planetas está muito séria, saindo do controle. Não podemos deixar o Universo desarmonizar-se. Tudo está interligado: O mundo de vocês, o nosso, com todo o Universo.

— Como se conseguem comunicar conosco, em nossa língua? E em outros países onde estão seus amigos? Como é que vocês fazem isso? — perguntou o rapaz.

— Avançamos mais que vocês nesta área. Nossas mentes absorvem os pensamentos de vocês e decodificam suas linguagens. Quando aprenderem isso vão se maravilhar do quanto é simples. Vocês ainda limitam muito a capacidade, o poder que têm.

— Está nos dizendo que *impomos limites* em nossas capacidades? — questionou o rapaz.

— Estou! É exatamente isso!

— Fale mais sobre seu mundo, Vloks — disse a moça.

Enquanto ouviam o Viajante discorrendo sobre seu mundo e suas viagens, uma onda de carinho perpassou por aquelas duas almas. O rapaz segurou com gentileza a mão da mulher amada. Com uma das mãos acariciou os cachos ondulados do cabelo da namorada. Sua cabeça recostou-se à dela e, emocionados, não ousavam pronunciar quaisquer palavras. Então, o jovem resolveu entoar uns versos de amor para ela. Uma brisa úmida, bafejada de um leve aroma de sal, envolveu aquelas duas almas enamoradas. Então, ali mesmo, sentado na areia da praia, ele arriscou este poema:

“Divisei num só relance, um céu e um mar.

Contei estrelas do céu, e também estrelas-do-mar.

Meu sonho era colher todas elas, de forma a te alegrar!

Com conchinhas do mar faria um colar,

bonito, colorido, só para te enfeitar!

Salpicado de estrelinhas do céu,

dispostas em forma de coração, só para te iluminar!

Uma casinha de estrelas-do-mar eu faria,

onde você, feliz, pudesse morar!

No alto pendurava uma estrela-guia,

só para me indicar onde meu amor estaria.”

Pirilampo revolveu uma carcaça de estrela-do-mar que estava estendida na areia da praia. Mikos se entretinha azucrinando um siri, que já ameaçava dar-lhe uma pinçada, enquanto Xexéu, com seu bico curvo, tentava dar um nó na cauda do estranho macaquinho. Pareciam crianças travessas, brincando alegres na areia da praia.

Vloks havia absorvido mais um bom sentimento que ainda existia por ali e que precisava ser resgatado e propagado: o do *amor entre dois seres, uma comunhão de almas*.

— Obrigado por me demonstrarem este *belo sentimento do amor* — disse o visitante.

— Ora, a gente apenas se ama. Só isso! — respondeu o rapaz.

O binuxiano tocou de leve a fronte dos dois enamorados e segurou por alguns instantes.

— O que fizestes Viajante das estrelas? — perguntou o moço.

— Apenas captei esse sentimento bom que exala de vocês do qual já falei. É minha missão levar comigo essas virtudes encontradas. Bem, como esta é minha última visita a vocês, antes de partir gostaria de conceder-lhes uma graça em agradecimento a essa nossa amizade que tanto o tempo e o espaço entre nossos mundos jamais vão apagar. Que virtude ou graça vocês gostariam de ganhar?

— A cura de meu futuro sogro que está internado com uma doença grave! — disse a moça.

— A cura de papai que está enfermo, desenganado! Podes fazer isso? — perguntou o rapaz.

— Acreditam que posso? — retrucou Vloks.

— Por que não? Sim, acreditamos. Você faz coisas maravilhosas! — responderam eles.

— Fechem os olhos, concentrem-se comigo. *Agora, vejam-no sadio, saudável, curado. Extirpem de suas mentes a doença. Ela não existe mais.* Estão comigo, em pensamento?

— Sim, estamos! — disseram os dois ao mesmo tempo.

— Permaneçam assim, unidos comigo em pensamento. Não desviem a atenção! ... Agora, abram os olhos! Vão vê-lo! Não fui eu que fiz isso. *A fé pura de vocês, sem hesitação, se uniu uma à outra e gerou uma enorme força curativa contra a qual nenhum mal prevalece.* Ele vai se restabelecer.

— Obrigado, Vloks. Sentimos uma energia muito boa em nossos corações! — disseram eles.

— Amém! A fé de vocês, unida, desencadeou a energia curativa de Deus no corpo dele. Eu fui apenas o instrumento que ajudou a canalizar essa força. Vocês não se lembram daquilo que, nesse sentido, *Jesus* dizia: — “*Seja-vos feito **segundo a vossa fé** (Mt, 9:29)*”. Portanto, essa crença viva — *feita com convicção de que seremos atendidos* — tem um poder imensurável. É preciso que essa prece brote do fundo da alma com toda a força possível.

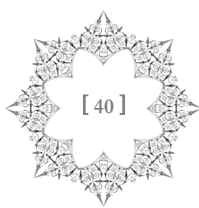
— Que estranho! Também lá em seu mundo estes ensinamentos são válidos — disse a moça.

— Sim! Como já disse, avançamos bastante nesta área, mas assim como vocês, *não somos o Criador... Somos a criatura!* Estas, são leis universais. Agora, o que estão esperando? Corram para vê-lo! Então, até algum dia, meus jovens amigos! Quem sabe não nos encontremos na Arca?

— Claro que sim, Vloks. É só nos avisar quando será. Muito obrigado! — disse o rapaz.

Então, de repente, como por um passe de mágica, o visitante desapareceu. Mas o casal já estava acostumado com aquilo. Pirilampo, Mikos e Xexéu também se desmaterializaram e partiram com ele em forma de pura energia. O casal de namorados partiu correndo para visitar o senhor que, agora, se restabelecia.

(CONTINUA)



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Menina de Passos de Borboleta **(Episódio III de Viajante das Estrelas - A Arca)**

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

A pequenina quando andava, tinha um andar suave, macio, como que flutuante, que lembrava *o leve bater das asas de uma borboleta*. Àquela hora da manhã, as sibipirunas tinham sido generosas, espalhando um tapete de pequenas flores amarelas — *como se estrelinhas fossem* — pelo chão onde a menina brincava, correndo como se estivesse flutuando sobre aquelas florezinhas. Era formidável aquele festival de flores, como que estendidas sob os pés da garota, que parecia estar participando, dançando num baile de mágica. Borboletas e insetos mil, multicoloridos, circulavam em volta da criança, como a formar um carrossel, bailando com ela no ar, pois *no chão ela parecia não tocar*. Os movimentos dela eram leves, sugerindo que seus pés estivessem envolvidos em algodão macio, o que fazia com que ela estivesse como a *deslizar suavemente* sobre aquele tapete amarelo. O Viajante havia chegado e presenciara toda aquela alegria e magia da natureza que rodeava e parecia envolver aquela pequena jovem. Um garoto passou por ali e, empolgado, começou a cantarolar:

*“De onde vens,
ó menina encantada,
se no solo não vejo seus pés a tocar?!*

*Ou, se o tocas,
és tão delicada,
que nem as flores consegues amassar?*

*Pareces uma fada a bailar
rodeada de tanta vida, tanta beleza,
que jamais poderia imaginar!*

*Seus passos são tão delicados,
tão suaves e macios,
que não ouço no chão,
o som de seus pés a tocar!*

Se podes, me ensina também a voar!

Você dança com tanta doçura,

que neste baile também quero estar!”

— Diga-me doce menina, para quem danças? — perguntou Vloks

— Vloks, que surpresa. Bom dia! Bem, mas respondendo ao que me perguntou, digo que para o sol, para as flores, para as borboletas multicoloridas, os pássaros, para o dia que amanheceu, para as crianças, jovens e idosos que vêm me assistir.

— Mas com quem danças, pois parece estar cercada de pares, mas não os vejo?

— *São pirilampos, são fadas, são duendes.* Não os consegue ver, meu amigo? Dizem que você tudo vê, tudo entende, como então não podes vê-los? — disse a menina.

— Até gostaria, mas sinceramente, não os vejo. Quem mais, além de mim e o garoto, que por aqui passou cantando, a assiste e aplaude?

— Ele... Também.

— Mas quem é Ele? — retrucou Vloks.

— A Grande e Harmoniosa Vida. Ele é soberbo. Não há como descrevê-lo. *Se encontra comigo nas ondas do ar. Não posso vê-Lo, nem tocá-Lo, mas sinto que valsa comigo nas brisas da manhã. Juntos, às vezes, percorremos a estrada iluminada de um arco-íris quando cai uma garoa fina e o sol está a brilhar.* Quando isso acontece, vagalumes, borboletas e pássaros multicoloridos nos seguem como a nos acompanhar nesta caminhada mágica — completou a *Menina de passos de borboleta.*

— Por acaso, falas em Deus?

— Falo!

— Gostas da tua plateia? — perguntou o visitante.

— Nós, os humanos, sempre gostamos que nos observem, nos admirem. Gostamos de elogios, de aplausos, de chamar a atenção. Isso massageia nosso ego, eu creio. Em seu mundo é diferente? — perguntou a garota.

— Também em meu mundo, Binux, não é muito diferente. Agora, como consegues levitar, planar no ar como um colibri, valsar como uma borboleta? Quem a ensinou?

— Não sei. Ninguém. Acho que nunca pensei nisso. Acontece. Você também aparece e, como num passe de mágica, desaparece, não é mesmo? Acredito que seja algo semelhante.

— É verdade. Os binuxianos entenderam essa interação entre matéria e energia. Depois foi tudo mais fácil. Evoluímos muito desde então. Levamos muito tempo para isso. Parece que com você isso foi de uma forma instantânea, algo que ocorreu desde o princípio.

— Sim, deve ter sido assim. É uma coisa tão espontânea que nem me preocupo em saber a razão — disse ela.

— Com certeza é isso mesmo. Agora, posso dizer com convicção que, com você — menina dos pés de fada — encontrei mais uma virtude que eu julgava perdida ou, no mínimo, muito escassa em seu mundo e em muitos outros.

— E qual é ela, amigo Vloks?

— *A pureza e a leveza da alma*, que fazem com que além de você *valsar sem o solo tocar*, a fazem se encontrar com seus sonhos de criança, com fadas, duendes e se abeirar da presença dEle, o Imensurável, o Ser Absoluto!

— Obrigada pelas palavras. Mas é como eu disse: acontece! Não posso e nem sei explicar como. Não forço nada... Tudo ocorre naturalmente.

— É exatamente por essa sua espontaneidade que toda esta coisa mágica acontece. Agora, qual dom, virtude ou graça você gostaria ver alcançada? Talvez eu possa atender a este seu desejo.

— Deixe-me ver... Apenas uma!

— Qual? Diga, então!

— Que as pessoas quando me virem a valsar, se tristes estiverem, comecem a sorrir... Fiquem felizes!

— Essa virtude, você já a tem, minha pequena amiga. Até eu fico emocionado quando a vejo. Lembras uma fada. Não serás uma? — perguntou o visitante.

— Acredito que não, Vloks. Então complemente essa minha virtude, se é que realmente a tenho.

— Peça!

— Que as pessoas que me assistirem, também transmitam essa mesma alegria e felicidade àquelas com quem se encontrarem.

— Pode acreditar que já estão fazendo isso, minha amiga. Você, de há muito, já as encantou! E, com certeza, este encantamento se espalha no entorno delas. O que eu pretendia oferecer-lhe em gratidão, você já possuía. *Não posso ajudar a preencher o que já está completo.* Toque nas palmas de minhas mãos!

— Parece que fluiu de mim alguma coisa! — com surpresa, disse a menina.

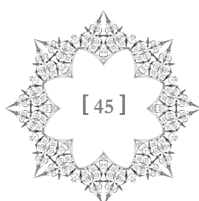
— Uma benção que vou levar comigo para ajudar outras vidas, outros seres, outros mundos, além do de vocês. Mas não se preocupe, *princesa do ar*, pois você é uma fonte de onde continuamente essas benções jorram... Não há como se esgotar! Bem, agora tenho de ir. Então, até um dia!

— Até breve, Vloks. Não suma!

Como num passe de mágica, o binuxiano já estava em outra frequência de energia e seu corpo não estava mais ali. Todavia seu envoltório energético ainda estava e podia perceber as coisas. Voltou-se para a garota e notou que das suas costas, nas omoplatas, sobressaiam duas formações cintilantes de energia que desciam até seus pés. Então, murmurou para consigo:

— *Ela possui asas! Eu já suspeitava disso...Tinha algo diferente nela! Por certo eu conversava com um anjo! O Criador espalha seres fantásticos por todo Seu universo! Que benção haver encontrado um deles aqui na Terra. Com certeza ela nem desconfia disso. E, quem sabe, não seja melhor que continue assim?*

Os amiguinhos Mikos, Pirilampo e Xexéu pareceram concordar com o Viajante. Era hora de partir.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



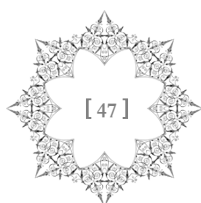
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A casa do viajante

Por Paul Erwin Reed

Nascido em 11 de março de 2003, em Planaltina-DF, Diogo nasceu enquanto Sabrina Sato era eliminada do BBB. Suas conquistas acadêmicas só poderiam se comparar com a sua profunda solidão e dificuldade de fazer amigos. Aos 18 anos ele recebeu um diagnóstico de TEA, e no meio da pandemia de Covid decidiu escrever poesias para aliviar a tensão paranóica do vírus, sob o nome de Paul Erwin Reed. Aos 21 anos, Diogo encontra-se no final de sua graduação, com amigos queridos e muito mais vontade de viver e ser feliz.

Para chegar nesta casa, existe um segredo
Em meio a tantas velas brilhantes
Encontre o pavio que não está aceso
Gire três vezes para o lado do coração
E a casa invisível verás então
Não bata na porta, apenas entre
Pois a morte vem a quem usa o batente
Ao adentrar, verás um salão decorado
Com um irrastrável brilho dourado
Se queres um clássico ou leitura furreca
Vire à esquerda e entre na biblioteca
Contudo, se queres pintar um Campo de Marte
Vire à direita para a sala de arte
Se quiser ser devidamente alimentado
Siga em frente e seja saciado
Não ligue para o homem alto e sorridente
Você não quer vê-lo afiar os dentes
Siga a trilha sombria adiante
E encontre, meu jovem, a casa do viajante



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



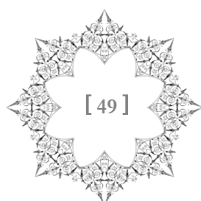
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Flutuar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

De externas imagens fecham-se os olhos...
Pela sonoridade que os sentidos abala
impõe-se uma barreira e da audição se distancia...
E tenta-se suprimir qualquer biológico sentir...
Uma imaginária névoa que recobre
e não distingue solo de espaço...
nem sólidos de gasosos... tudo passa a envolver...
e a liberta essência de vida acrescida.
Ao se subtrair amargores, cansaço
e interferências outras – sem magia nem truques –
por sensação de extrema leveza sente-se tomado...
como o flutuar do corpo... no ar...
Porque longe, em pleno voo... em serenidade
e paz... a mente já há muito se encontra.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Anjos Eu Vi Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Hoje eu vi anjos...
nos animais e plantas daquela selva.

Hoje eu vi anjos...
Nas cores e brilho do encanto.

Hoje eu vi anjos...
Na textura das linhas e curvas.

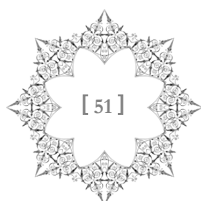
Hoje eu vi anjos...
Naqueles olhos que graciosamente sorriam.

Hoje eu vi anjos...
Na delicadeza das expressões e posturas.

Hoje eu vi anjos...
Naquela imagem que me tocou profundamente.

Hoje eu vi anjos...
Senti-os no que porventura minha alma seria...
e por completo resplandeceram.

Num átimo eu ascendi ao paraíso...
e quando à realidade retornei marcada estava...
indelevelmente.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

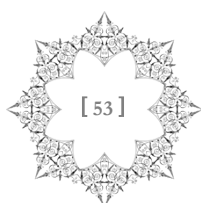
Invisíveis Forças Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Em épocas que alegria saúde
e felicidade não sustentam...
mas estresse, tristeza ou tédio
promovem... como esta que
os últimos anos, nos tem ceifado –
em livre queda de um impreciso
patamar, incapazes e aviltados
nos sentimos.

Mas pela união dos nossos átomos,
algo deve estar zelando...
se não o fosse, estaríamos nos
desfazendo... Ou melhor, nada mais
que isolados átomos seríamos.
Talvez seja como deve ser
em todo este imenso e intrigante
Universo... da entrecruzada rede
a controlada expansão.

Como um carrossel o meu corpo
a girar... sem parar...
e minha velocidade... meu rumo
para frente... sempre.
E integralmente protegida
pela misteriosa "matéria escura"
e pela gravidade, a minha estrutura...
Como tudo no Universo maior.



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Da Lua Para Marte?

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

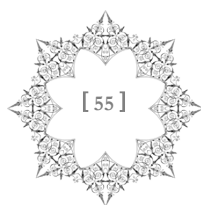
Quem tem razão?
Qual é a verdade?
Consequências?

Radiação cósmica...
Falta de gravidade...
penosa viagem...

Conhecimentos...
Esclarecimentos...
Responsabilidades...

Dizem, planejam...
e planejam muito...
Tudo certo... será?

Fantásticas ideias!
Dinheiro e arrotos!
Por enquanto é só!



CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A vida do Bardo

Por Tales Veneruci

Natural e residente de São Paulo, capital, Tales Veneruci é um estudante e escritor formado no curso de Roteiro para Longa e Televisão da Escola de Cinema de Toronto, no Canadá.

— Papai, vem logo, eu to com sono! — exclamou o pequeno Thorin Teafingers, um pequeno Halfling, que aparenta ter 5 anos de idade humana. Ele se encontra deitado em sua cama, com suas cobertas fofas, provavelmente feitas com as penas de alguma ave local indo até seu pescoço.

— Papai! — exclama o menino novamente.

— Já vou meu pequeno.

Aos fundos, um ranger baixo, porém irritante ecoa pela casa. Barton Teafingers, um Halfling adulto, com uma barba rala, cabelos encaracolados e a típica cara amigável de um membro de sua espécie. Ele se encontra sentado em uma cadeira de balanço alta e velha, feita de madeira. Ao seu lado, um alaúde arranhado, com cordas recém trocadas, que provavelmente tem muita história para contar por si próprio. Com certa dificuldade devido a altura, Barton se levantou e foi em direção ao quarto do seu filho, no fundo da casa.

Ao adentrar o quarto, de aspecto simples, Barton sorriu ao ver seu filho deitado na cama. Thorin por sua vez, ao ver seu pai imediatamente pulou na cama, jogando as cobertas para frente. O pequeno halfling não conseguia conter seu entusiasmo, tremendo de ansiedade.

— Se acalma filho, sua mãe já ta dormindo — disse Barton suavemente.

— Que história você vai contar? É a do dragão? — perguntou Thorin, ainda mais empolgado.

Barton, pensativo, olhou ao redor do quarto de seu filho para ver se encontrava algum livro.

— Ali Pai. — disse Thorin. Ele aponta para um livro antigo, com capa de couro, intitulado “As grandes batalhas”. — Vai na do dragão!

— Vou sim, calma — respondeu Barton enquanto pegava o livro na pequena estante de madeira presente no quarto do seu filho.

Ao pegar o livro, Barton se mostrou um pouco distraído, incomodado, mas sem demonstrar o suficiente para que Thorin não notasse. Barton então se sentou na beirada da cama de seu filho e abriu o livro na página marcada, em um conto chamado “As Cantigas do bardo”. Ele coçou sua barba e começou a ler o conto em silêncio.

— Pai? — perguntou Thorin.

— Ah, me perdoe. — respondeu Barton em tom de risada. — Nossa história se passa em meio a uma floresta, com árvores muito altas, que ali estavam a centenas de an...

— Tão velhas quanto o vovô? — perguntou Thorin.

— Sim, tão velhas quanto seu avô — respondeu Thorin, rindo. — Era a noite anterior a uma grande batalha. O frio e o silêncio daquela noite criava uma ilusão de paz, naquela que seria a última noite de muitos que naquela floresta estavam. Em volta de uma pequena fogueira se encontravam um guerreiro, um paladino e um bardo. O guerreiro, um homem humano, forte, com uma armadura robusta ao seu lado, afiava sua espada longa com uma pedra que encontrara no chão. O paladino, um anão homem, barbudo, com cabelos trançados que iam até quase seus pés, estava deitado com a cabeça descansando em seu martelo gigante, lendo um livro religioso em voz baixa, como se quisesse abençoar seus companheiros para a batalha que viria ao nascer do sol. Ao lado do paladino, um halfling, homem, pequeno até para um halfling e com aspecto um tanto frágil, limpava seu tamborim. Fora o barulho das criaturas que habitavam a floresta, o fogo e o vento, apenas os sussurros do anão e a pedra passando pela espada do guerreiro eram audíveis. Em dado momento o guerreiro parou de afiar sua espada, colocou a pedra de lado e com o olhar vazio se virou para o paladino. “Vamos viver?”, perguntou o guerreiro com voz quase trêmula. O paladino, sem mudar sua expressão, deixou seu livro de lado, e se virou para o guerreiro: “Depende do que você quer dizer com viver”, respondeu o paladino em tom confiante. “Você já enfrentou um dragão antes?” perguntou o guerreiro, agitado. “Alguém que enfrentou sobreviveu?” respondeu o paladino calmamente. “Eu vou ver a minha família novamente?” Perguntou o guerreiro, agitado e tenso. “Talvez sim, talvez não”, respondeu o paladino de maneira estoica. “Mas se você fizer o seu papel, você não só vai viver o dia de amanhã, como viverá para sempre”, disse o paladino, com tom inspirador. Sem palavras e confuso, o guerreiro ficou encarando o paladino, que voltou a ler seu livro. “Você nunca ouviu as cantigas clássicas?” perguntou o bardo, enquanto colocava seu tamborim gentilmente ao seu lado. “Já ouvi muitas, mas qual delas você está falando?” perguntou o guerreiro, intrigado. “O amanhã é conhecido, você não lutará sozinho, então não tenha medo da batalha...” catarolou o bardo. “... por que a música dos bardos permanecerá, em nossos sonhos e nossos pensamentos” cantaram o bardo e o paladino juntos. O guerreiro olhou para ambos com um sorriso no rosto e disse: “Então bardo, não morra, por que amanhã você escreverá diversas músicas sobre mim, o matador

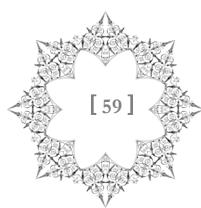
de dragões.” Com um sorriso no rosto, o halfling respondeu “Será uma honra. E não se preocupe, a sorte está sempre do meu lado.” Os três se entreolharam com sorrisos no rosto, enquanto se deitavam na grama úmida e fria da floresta, com a certeza de que independente do que acontecesse, suas histórias e seus feitos, viveriam para sempre.

Barton fechou o livro, visivelmente abalado. Ele sabia que a história não terminava ali, mas contar os horrores de uma batalha para uma criança, seria errado. Contar-lhe que o guerreiro que se inspirou com as palavras das cantigas dos bardos, que lutou bravamente até o fim, sucumbirá ao poder de um dragão seria uma dor profunda. Imagine explicar para seu filho porque um ser antigo e sábio como um dragão faz o que faz. Ao menos, a promessa foi cumprida, sua memória, assim como a do paladino que ficou gravemente ferido após a batalha, viveria para sempre no imaginário daquela criança e nas músicas dos bardos. Cuidadosamente, Barton se levantou da beirada da cama de Thorin e colocou o livro de volta na estante.

— Durma bem meu pequeno — sussurrou Barton com a voz tremula.

Ao sair do quarto, Barton deixou um forte suspiro sair de seu peito. Ele olhou para suas mãos, um tanto trêmulas e caminhou em direção a cadeira de balanço. Ali ficou parado por alguns segundos, contemplando seu Alaúde velho. Ele o pegou e o colocou em suas costas, junto com uma leve armadura de couro. Sem olhar para trás, Barton seguiu para a porta de sua casa, antes parando ao lado de um tamborim muito velho, que ficava ao lado da porta de entrada. Em cima do tamborim havia uma foto de um halfling pequeno e frágil, assim como o da história. Barton encarou o tamborim e a foto por alguns segundos.

— É pai, agora é minha vez — disse Barton para si mesmo, enquanto abria a porta de sua casa, rumo a batalha. — Que minhas músicas vivam para sempre assim como as suas.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**